



estratégia de blocos e à tese do socialismo num só país.

Enquanto em Pequim ser anti-revisionista é vocação original e mais importa dizê-lo que o resto praticar, ou terceiro comunismo se articula entre Hanoi, Havana e Pyongyang. Nem coexistente, nem revolucionista, a tese do jogo guerrilheiro é o enorme desafio à tática habitual dos partidos operários, a recolocação de toda uma teoria insurreccional, um adeus à ontodoxia e aos deuses: «criaremos uma pequena história/maligna e sombria, quando, por sinónimos, dissermos/a verdade lóbrega com barba de três dias», Jorge de Sena.

Ontem, o Öremlin e um não poder distinguir-se onde o Öomin-tern cedia o passo à diplomacia soviética. Hoje, Öosyguine, que é como querendo ser isso mesmo, mas, coexistentemente, e ir a Glassboro e onde por preciso, pela grande paz no mundo.

Da violência como excepção à arquitectura dos blocos — Vietnam e América Latina — dirão os que ficarem. E para nem um mínimo subtrair a esta gritaria de animais incómodos a seus donos, saiba-se ainda da tão ocidental desobediência: Bonn e o desarmamento, Tóquio e os mercados mundiais, Jerusalém e a guerra dos seis dias, os coroneis de Atenas?, o de sempre enormíssimo Charles *vieil homme, recru d'épreuves, détaché des entreprises, sentant venir le froid éternel, mais jamais las de guetter dans l'ombre la lueur de l'espérance?* De Gaulle.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

J. G.

RECENSÃO DE LIVROS

45



«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
4 de 3 de 1968

quando este negou a existência dum desnível tecnológico entre os E. U. A. e a Europa, mas nenhum a importância da desproporção entre as *capacidades comprováveis* nos dois continentes.

«O *menagement*, diz McNamara, é afinal de contas, a mais criadora de todas as artes. É a arte das artes, porque é a arte de organizar o talento. Qual é o papel essencial do *manager*? É o de enfrentar inteligentemente a mudança.»

A arte de enfrentar inteligentemente a mudança. Parece, pois, que mais do que cientistas e técnicos, a Europa carece de educar homens com esse talento.

Mas — agora perguntamos nós — a América tem homens capazes de enfrentar inteligentemente a mudança nos domínios extra-tecnológicos e extra-económicos? Ou por outras palavras: que é feito do *menagement político* nos E. U. A.? A questão parece relevante tendo na Europa como nos E. U. A.; é uma triste consolação, mas aqui a carência parece co-continental.

What is America to me? Uma imensa frustração: o desperdício, à escala planetária, das conquistas mais notáveis do espírito humano; a caricatura, de mau gosto, dos imensos possíveis com que sonhou o séc. XIX. É justo, em todo o caso, juntar mais uma interrogação: a falha é apenas do norte-americano ou será da espécie inteira? Com questões tão inúteis se não preocupa Á.-Á. Servan-Sehreiber. Provavelmente, ele apenas gostava de ter nascido americano. ~~E nós?~~

M. M.

Terminei — JOÃO



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

48

avances da publicidade, isto é, está preparada para encarar como objecto de consumo determinadas personalidades que substituam a estafada lenga-lenga das actrizes e actores.

É interessante analisar a retórica cientista para donos de caso, com o seu nascimento bem marcado no Reader's Digest, depois retomado pelos magazines. O folhetim técnico progride espectacularmente com os foguetões colocados na lua, e vai principiar com um tom lírico, ao gosto do positivismo comteano, uma euforia geral por todas as formas de progresso, esquecendo por completo as plataformas onde este se apoia. E uma euforia pelo progresso ao mesmo tempo que o reifica ou o abstractiza torna-o indialectizável.

Vários países que ainda não tivessem inventado a informação e, onde por acaso, se vendessem jornais, os problemas éticos do caso das transplantações seriam concerteza mais graves e discutidos do que os problemas éticos da intervenção americana no Vietnam. Privilegiar aspecto deontológico é disfarçar tudo o resto. Isto não esqueceu o prof. Miller Guerra no fim de um artigo no *Diário de Lisboa*.

O dr. Barnard, malgré lui, através da publicidade especializada na promoção de estrelas, vem continuar a longa mitologia que enfeita o que sobrou dizer. E então o caso das transplantações realmente transplanta as mitologias no coração do público e mais uma vez o circunscreve aos seus higiénicos e limitados universos de opinião.

M. C. H.

Terminei — JOÃO



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

56

«O TEMPO E O MODO»
Provas enviadas à Censura em
13 de 3



O TEMPO E O MODO
INICIO — OSCAR

ACERCA DE DOIS LIVROS
SOBRE EDUCAÇÃO

Na escassa literatura pedagógica existente em português, merecem menção especial duas obras recentemente editadas: uma, um original português (1); outra uma tradução (2).

Começo pela primeira, dado que, se é escassa a literatura pedagógica existente em português, mais escassa o é a que se deve a autores nacionais. Nos últimos decénios, e se exceptuarmos a obra de António Sérgio e a de Delfim Santos, nada ou quase nada, surgido sob a forma de livro (3), oferece razões para leitura obrigatória de quem ao assunto se dedique. Por isso não pode deixar de ser saudado o recente volume de Rogério Fernandes, do qual só não direi, em termos de *Diário de*

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

- (1) Rogério Fernandes, *Ensino, Sector em Crise*, Ed. Seara Nova, Lisboa, 1967.
- (2) Georges Gusdorf, *Professores para Quê?*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1967.
- (3) Introduzo esta ressalva, pensando na importantíssima contribuição de Rui Grácio, de quem, em boa hora, se anuncia para breve o aparecimento em livro.

178

Provas enviadas à Censura em

13 de 30 de 1961



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

Notícias que «vem preencher uma lacuna» pois que, a um lado, a lacuna existente é tão grande que obra alguma a poderá preencher e, pois que, a outra, se deve estar mais interessado em lhe medir a profundidade do que em tapá-la com remendos, como têm tentado fazer outros autores diversamente responsáveis.

R. F. deu ao seu livro o título.: *Ensino, sector em crise* que, à primeira vista, pode enganar sobre o conteúdo dele. Que o ensino — como tudo ou quase tudo — esteja em crise em toda a parte neste mundo em que nos coube viver é facto por demais conhecido e sobre o qual milhares de páginas, certamente mais qualificadas do que estas, se têm escrito. Simplesmente. R. F. introduziu, e com o facto nos devemos congratular, a necessária particularização na crise que aborda. As suas páginas, embora sobre um pano de fundo mais geral e também mais discutível, debruçam-se sobre a realidade educacional aqui e agora, encarada do ponto de vista dum racionalismo crítico que o Autor claramente expõe no primeiro dos ensaios que publica. Nele, propugna o Director da Seara Nova uma «educação activa pelo trabalho» e uma «educação democrática» entendendo que as estruturas do ensino só podem ser objecto de verdadeira democratização através do diálogo permanente entre a Sociedade e o Estado (pg. 23). Neste mesmo ensaio nos introduz R. F. a alguns dos pre-conceitos que informam toda a obra: 1) a realidade pedagógica não está separada nem é separável de outras zonas da realidade e a modificação ou progresso dela tem que ser acompanhada por modificações ou progressos das outras: 2) o acto educativo não pode ser encarada somente

179

em função da maior necessidade de trabalho e de mão-de-obra como insinuam os tecnocratas do neo-capitalismo mas deve ter como primordial finalidade o desenvolvimento de todas as potencialidades da personalidade humana; 3) o processo da educação deve ser normativo informando o homem não apenas acerca do que *é*, mas do que deve *ser* sublinhado do Autor, pg. 22).

Caberia aqui formular algumas reservas que visam não tanto a validade destes preconceitos, como um mais completo esclarecimento acerca deles. Não se precisa suficientemente no livro a natureza da «modificação» a introduzir nas diversas zonas da realidade e, conseqüentemente, na da realidade pedagógica sobre a qual o autor se debruça. Se é justo realçar que, para tanto, devem ter contribuído condicionalismos ao livro extrínsecos, parece-nos também presente um certo eclectismo que bebe, por vezes, no reformismo de António Sérgio e por outros em correntes diaméticas⁽⁴⁾ porventura mais entendidas sob um aspecto profético do que sob um aspecto programático; se é bem nítido o repúdio pelo Autor da educação como mera especialização profissional visando a preparação de peças bem adaptadas à sociedade de abundância proposta pelos modelos ocidentais, nem sempre resulta clara a sua posição frente ao que, com Sérgio, chama «escala trabalhista», o que está relacionado com o esquecimento da realidade grupal do acto educativo, aspecto descurado por R. F.; finalmente não me parecem satisfatórios os argumentos aduzidos pelo A. para reavaliação dum ensino normativo, nem as críticas que faz à pedagogia não-directiva, aliás em referência a uma obra minha, referência anteriormente publicada na *Seara Nova*. Sem quaisquer intuitos

(4) Dentro deste eclectismo, parece-nos particularmente discutível a aproximação entre as ideias de Sérgio e as que inspiraram o Plano Longevin-Wallon que R. F. tenta a págs. 84 e segs. É certo que R. F. fala de *algumas divergências indiscutíveis* mas também o é que se refere a um espírito geral bastante aproximado o que não se nos afigura exacto.

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
13 de de 1964



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

180

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58

Provas enviadas à Censura em
13 de de 1958



polémicos, direi que as citações de Cogniot e Shudolski introduzida pelo A. a esse propósito poderia ser subscritas por muitos dos defensores da pedagogia não-directiva, que só a uma visão superficial de pode qualificar de anarquizante, no sentido depreciativo que esse termo parece ter para R. F.

Propositadamente avancei estes reparos de fundo que o livro de R. F. me merece, antes de assinalar o muito de positivo que nele existe. O grande mérito desta obra é, com efeito, a meu ver, o impacto crítico e a lucidez combativa que a animam. Assim, os capítulos 4, 5 e 6 que contêm a total refutação duma política e duma realidade determinadas, são, e até pela serenidade que o Autor a ela conseguiu imprimir, peças-chave para uma discussão que a todos interessa, sendo a desmontagem irresponsável duma mistificação por demais conhecido, mas até hoje nunca analisado com tal vigor e tão bem conduzida argumentação. Só por elas R. F. era credor da gratidão de todos os que ainda não desistiram de lutar a esta «causa perdida» que o ensino em Portugal parece tender ser.

Para terminar adjectivamente, direi que R. F. escreveu uma obra honesta. Aqueles para quem este termo ainda se não gastou, entenderão o que quero dizer.

O livro de Georges Gusdorf é, quase, o oposto do de Rogério Fernandes. Para evitar as más interpretações a que o «raccord» poderia aqui conduzir, apresso-me a esclarecer que não entendo com aquela proposição classificá-lo como obra desonesta mas, sim, caracterizar as evidentes oposições de estilo, de forma, de perspectiva e de fundo que

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

281

Provas enviadas à Censura em

13 de 3 de 1968

existem entre as duas obras.

Brilhante, muito bem escrito, superficial, fácil, repetitivo, crepitante, infundamentado, genérico são alguns dos adjectivos que apetece alinhar a propósito de *Professores Para Quê!* livro que reúne o melhor e o pior dum certo estilo francês de «cause-rie» que fez o seu tempo mas continua a transbordar para fora dele.

O leitor que o aborda à espera duma resposta à pergunta contida no título ficará decepcionado, como decepcionado ficará aquele que julgue que um qualquer parentesco une este volume às obras de pedagogia não-directiva, ou seja que nele se discuta o lugar e o papel do professor no acto educativo, como o início do primeiro capítulo parece querer apontar. De nada disso se trata, mas de uma elegante exposição sobre o que é um mestre e a função docente («le maître» e «la maîtrise») à base de anedotas célebres (o leitor coleccionará, lendo-o, um bom repertório de citações que vem sempre mais ou menos a propósito), onde algumas intuições com interesse se misturam com os mais duvidosos lugares-comuns e uma merafísica barata, própria para consumo e divulgação. Um livro que foi escrito com facilidade, que se lê com facilidade, mas que ainda com mais facilidade se esquece. Um livro que nada adianta sobre os problemas, essenciais que levanta, um livro que fica bem ter lido, um livro onde uma ou outra vez se volta à procura de uma ou outra citação que fica bem citar. *Professore, para quê?* é isto. Depende do leitor que isto seja mais ou que isto seja menos.

J. B. C.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

182

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58

Provas enviadas à Censura em

13 de 3



Início — O.

TRES ÓPERAS POLITICAS

O título refere-se às óperas que constituiram a temporada alemã do Teatro Nacional de S. Carlos neste começo do ano de 1968: *Didélio* de Beethoven, *Crepúsculo dos Deuses* de Wagner e *A Clemência de Tito* de Mozart. Políticas, em que sentido?

O *Fidélio* é uma obra política em todos os sentidos possíveis — apontando todos eles para a Revolução Francesa. O assunto genérico — a libertação *in extremis* dum prisioneiro — é típico das óperas francesas pós-revolucionárias. De resto, o dram pós-revolucionárias. De resto, odrama original, *Léonore ou L'Anour Conju-*

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

183

gal, foi escrito por um revolucionário francês, de nome Bouilly. Beethoven era, como se sabe, um fanático dos ideais da Revolução. Daí, que a sua única ópera não esteja apenas vinculada ao novo regime republicano pela origem dramática ou pelo carácter genérico; está-o sobretudo pelo espírito, de que a música é veículo a partir do 2.º Quadro do 1.º Acto. Desde o momento em que *Fidélio-Leonor* apela para os sentimentos de fraternidade humana do carcereiro *Rocco* em favor dos presos oprimidos pela tirania iniludivelmente monárquica do governador *Pizarro* — principalmente quando a cena pertence aos prisioneiros temporariamente libertos das masmorras, e a força emocional das convicções de Beethoven se desprende duma música quase litúrgica (envolta em auréolas) e decididamente dialéctica (oscilando entre os extremos dum terror sussurrado e duma esperança explosiva) — sabemos que não estão apenas em jogo os incidentes duma intriga, mas que fundamentalmente se dá voz a um corpo de aspiração ético e social: o mesmo que deu à luz da História a Revolução de 1789.

Que o *Crepúsculo dos Deuses* tenha igualmente raízes políticas é menos claro. E, no entanto, isso é um facto tão histórico, tão documentado, tão incontroverso, como para o *Fidélio*. Tanto num como no outro caso, há acontecimentos históricos indissociáveis das suas origens. Acontecimentos revolucionários, em ambos os casos. Se Beethoven vibra como o advento da República, Wagner vive os primeiros frémios do Socialismo. Os anos 40 do século XIX — os anos do amadurecimento do génio wagneriano — marcam o daelbar dos movimentos reivindicatórios do proletariado europeu. Em Paris, à distân-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

184

cia e em espírito (pela mão de Proud'hon), em Dresda, de facto com o corpo e a alma (e também pela mão de Feuerbach), Wagner participa nas primícias da revolução socialista, identificando a causa da sua arte com a causa das classes trabalhadoras. O que lhe vale, como consequência imediata e superficial (a seguir à revolução abortada de Maio de 1849 em Dresda), o exílio; e, como consequência mais funda e com implicações pertinentes à sua obra (a seguir ao *Lohengrin*, uma fase de concentração, planificação e teorização, cujo primeiro fruto dramático se chama *Morte de Siegfried*, semente da futura tetralogia, na qual viria a ocupar a posição de jornada final com o nome de *Crepúsculo dos Deuses* — cerca de vinte anos mais tarde. Como se manifestam no contexto do drama as preocupações político-sociais de Wagner? Ao contrário do idealismo humanitário beethoveniano que imbebe de piedade e de esperança a música do *Fidélio*, a visão de Wagner, virada para o regime a combater, é ácidamente crítica e predominantemente pessimista. *O Anel do Nibelungo*, interpretado na sua generalidade como fábula política, é uma tremenda diatribe a aligarquias e capitalismos. O seu mundo é ainda o nosso — da prepotência do mais forte, dos falsos tratados, das ameaças, das frustrações, da sede de poder, da fome de ouro, da renúncia ao amor. O mundo das três potências da ambição. Alberich, o anão-capitalista que renega o amor e escraviza os seus irmãos para acumular tesouros e conquistas; Fafner, o gigante-capitalista, que prefere o ouro à juventude e se transforma em dragão para defender o espólio adquirido; Wotan o deus-capitalista useiro e vezeiro no comércio furtivo



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

185

do amor, que máquina com anões, gigantes, homens, mulheres e crianças, para que tudo fique na mesma, isto é, para que o poder supremo lhe não fuja das mãos. No meio deste choque de contades mais ou menos desalmadas, uma humanidade representada por exemplares mais ou menos simples e amáveis, permanentemente lograda e que acaba por se estraçalhar a si própria e aos poderes ocultos que a exploram: o fim do *Crepúsculo* é um incêndio literalmente arrasador — *tabula rasa* no universo vigente, como condição *siné qua non redempturus*.

E *A Clemência de Tito*! Onde se lhe insere a dimensão política? *A Clemência de Tito* foi encomendada a Mozart pela Ópera de Praga, em Agosto de 1791, para se integrar nos festejos da coroação de Leopoldo II. Obra de pompa e circunstância, portanto. E com uma intenção política subentenidda. Numa Europa monárquica ainda não refeita do estrondo que duas cabeças coroadas fizeram ao cair das nuvens, por virtude (ou defeito, conforme o ponto de vista) de um fenómeno violento de precipitação plebeosa, a reposição do velho drama de Metastásio ataviado com música nova do autor do *D. João* (de cuja estreia retumbante ainda se não esquecer a capital da Boémia) tinha o seu quê de toque a rebate chamando à ordem possíveis consciências desencaminhadas. No final do 1.º Acto, o povo romano deplora *uma voce* o suposto fim de Tito, imperador e divo. No final do 2.º Acto — e da ópera — desenrolada a confusa meada, com os culposos de joelhos e o povo à coca, Tito, divo e imperador, debita a seguinte memorável frase: «*Quero que Roma saiba que não mudei, que sei de tudo, que esqueço tudo e que perdo a tudo e*



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

186

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
13 de 3 de 1968

todos!!!). Este e outros mimos clementes que frufam o liberto têm posto em alvoroço certos comentadores mozartianos mais tenros de víscera («Pobre de Mozart: sujeitar-se a coisas destas, ele que, de livre vontade tinha posto a nobreza a pão e água nas *Bodas de Figaro* e no *D. João*... Não admira que lhe tenha saído aquilo...»). Pessoas que acreditam na verosimilhança do retrato romantizado e romanceado que o Wolfgang o século passado esboçou — o século que entronizou em exclusivo a fase *Sturm und Drang* da produção mozartiana, relegando o resto (isto é, o grosso) para o sótão esconso dos brinquedos inúteis. Pessoas que se esquecem que, a partir de 1789 — o ano de *Così Fan Tutte*, das «*Danças Alemãs*» e do «*Quinteto para cordas e clarineteü* — Mozart se vira cada vez mais para dentro e para trás, retomando e depurando as noções e os ideia dos seus tempos de menino e moço. Que, de resto, ele nunca renegou: música, teatro, jogo, convenção, são as quatro fachadas do edifício, bem setecentista, onde nasceu, se formou e morreu o génio mozartiano. Crítica social, sim, mas sob a capa convencional da *opera buffa*: *D. João*, à *rigueur* e aos trinta anos: aos trinta e três, de sob a mesma capa já sai *Così*. Aos trinta e cinco, a três meses do fim, o olhar perde-se nos longes da infância e volta a fixar-se no mais cobiçado dos troféus, no mais convencional dos monumentos barrocos: a *ópera séria*. *A Flauta Mágica* e o «*Requiem*» têm de esperar. Os últimos dias de sol do último Agosto de Mozart pertencem à *Clemência de Tito*. Glorificação de imperadores? Panegírico de monarquias? Não para Mozart. Consagração definitiva da sua adorada *ópera séria* italiana —



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

187

Provas enviadas à Censura em
13 de 3 de 1968

da paixão, que, aos vinte e um anos
lhe inspirou as linhas mais inflamadas
de toda a sua correspondência:
«Tenho um desejo incontrolável de
escrever outra ópera... basta-me ouvir
falar duma ópera qualquer, basta-me
entrar num teatro e ouvir afinar a
orquestra, para que fique fora de mim».

O compadecimento humanitário de
Beethoven — a fúria anárquica de
Wagner — a meiga exaltação de Mo-
zart — três componentes basilares de
génios tão diversos, selos distin-
tivos de cada uma destas três óperas
— em que medida emergiamr destas
récitas em S. Carlos?

Atenuada em todos os aspectos,
no *Fidélio*. Encenação esquemática
em demasia de Georg Reinhardt:
mais jogo de títeres do que luta de
homens — contrariando o âmago das
intenções expressas na música. Inten-
ções cuja concretização, de resto, a
d direcção musical de Arthur Grüber
bastante coartou. Ausente da orques-
tra a paixão beethoveniana, poderia
ainda todavia chispar nas vozes dos
protagonistas e atear o lume que
dorme bem aceso na partitura. Mas
as vozes de Amy Shuard e de Wolf-
gang Windgassen estavam cansadas
— mais a dele do que a dela. Nem,
além disso, uma ou outro se ajusta-
ram à pele que vestiam. Duas faces
da mesma nobreza, da mesma cora-
gem, do mesmo amor, uma gasta
(*Florestan*), a outra reluzente (*Fidé-
lio*), não podem sre, nem o farrapo
lio), não podem ser, nem o farrapo
abúlico e invertebrado encarnado por
Windgassen, nem a sobreexcitada ver-
são da Shuard. Três bons baixos —
Heiner Horn (*Pizarro*), Eduard Wol-
litz (*Rocco*) e Anton Diakpv (*Fer-
nando*) — forneceram o contributo



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

188



«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
13 de 3 de 1964

mais positivo desta desinteressante
récita.

O *Crepúsculo dos Deuses* marcou um progresso inegável. Não no respeitante à direcção (musical de Grüber e cénica de Viktor Pollit), menos empreendedora ainda do que no «*Fidélio*». Tampouco melhorou a actuação de Windgassen — mais um *Siegfried* decrépito a acrescentar a uma tradição insuportável: não é tanto uma questão de figura; tintas, cabeleira e espartilho chegam para criar o mínimo de ilusão de juventude necessária no palco; mas a voz não engana e a voz tem de ser fresca e forte, alegre e cantante; estamos fartos de regougos e gemidos anti-musicos e anti-sigfrédicos! Mas já a Shuard surgiu transfigurada, cantando e representando o difícil e extenuante papel de Brünhilde com um fulgor e uma densidade dramática surpreendentes em quem, dias antes, havia experimentado dificuldades. Quanto ao *Hagen* de Wollitz, estou em crer que actualmente não há quem lhe possa disputar a primasia. Desde que surgiu em ena, dialogando com os seus meio-irmãos, que a cena lhe pertenceu. Possui o timbre exacto para o papel, cavernoso com a possibilidade de brilhar no registo agudo; um volume de voz enorme; dicção exemplar de clareza e vigor; instinto dramático e uma inteligência de primeira ordem. Excelente também o *Alberich* de Georg Stern — a voz mais bonita do elenco, musical e expressiva. Uma *Waltraute* (Marie Luise Gilles) pujante de vida, comovedora na justa medida e duma musicalidade a toda a prova. E um belo trio de *Normas* (e, mais tarde, de *Nixas*), a fechar a lista das notabilidades vocais duma récita volcalmente notável.

Com *A Clemência de Tito* tivemos finalmente um espectáculo de ópera



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

189



completo, um todo admiravelmente coeso, assentando como é indispensável num labor de direcção inteligente, empenhado e com nível artístico. O amor de Mozart à *opera seria* explodiu a todo o instante como resultado da interacção duma encenação monumental, em relevo, e dum fluido musical envolvente e íntimo, porque tratado em termos de música de câmara. Honra seja por isso ao maestro Hans Georg Raftjen e ao encenador Georg Reinhardt, não esquecendo o precioso contributo da cenografia de Heinrich Wendel, no duplo aspecto dos cenários projectados e do guarda-roupa — ambos fora de série. Depois, soube bem ouvir e ver em cena um elenco sem estrelas — mas com um punhado de bons cantores, com conveniente destaque para as primeiras figuras: Rachel Mathes, (*Vitellia*), Baili Kostia (*Sextus*) e, acima de todos, o magnífico tenor mozartiano René Kollo (*Titus*) — dando mostras duma consciência profissional que tantas vezes falta aos divos: respeito e subordinação ao original e aos responsáveis pela concepção do espectáculo; trabalho de equipa, em que tudo se valoriza pelo facto de tudo se integrar numa síntese. Como aconteceu isto? Muito simplesmente por se ter transplantado, praticamente na íntegra, o fruto dum labor sério de criação artística: a Companhia de Ópera de Düsseldorf-Duisburg veio em peso a Lisboa montar e representar a sua «*Clemência de Tito*». E a experiência (!?) resultou em cheio «*Clemência de Tito*». E a experiência (!?) resultou em cheio, como já resultaram outras equivalentes em que intervieram companhias inglesas e francesas. Não será de insistir?...

JOÃO JAES



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

190

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
13 de 3 de 1968

taram dos neo-realistas que os precederam e que na sua maioria se haviam satisfeito com um proclamar de boas intenções, com o que Manuel Gusmão chama a *demagogia lírica*. Eles sabiam que, para que o seu canto existisse tinham que criar a própria substância em que o modelassem. Quais os poetas a que mais recorrem nesta tarefa? Aqui encontro-me longe de Manuel Gusmão, que cita dois nomes que, com os limites que se preocupa em assinalar, julga terem ensinado aos poetas de *Poesia 61* processos já isoladamente conquistados: Sophia de Mello Breyner Andersen e Eugénio de Andrade. Para mim estes são antípodas do mundo habitado pelo grupo de que me venho ocupando (excepto o poeta de Faro, que por vezes escuta as suas vozes), pois vivem no círculo de harmonia construído por um canto luminoso e pleno, apesar das sombras que raramente o mancham, de transparência cristalina um, de frescura vegetal, o outro. Se pudéssemos operar na poesia dos autores de *Coral* e *As Mãos e os Frutos* a impossível dicotomia fundo-forma, concluiríamos que o seu único ponto comum com os poetas de *Poesia 61* é a extrema importância que todos concedem à *forma*.

Se quisesse ir buscar os nomes daqueles que deram o seu canto para a construção dos poetas de *Poesia 61*, eu nomearia: para todos eles, excepto para o já citado, João Cabral de Melo Neto; para Gastão Cruz, Jorge de Sena, pela sua compreensão actual



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

192

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
de 1962



do lirismo quinhentista, e T. S. Eliot, como mestre da estrutura rítmica e temática do poema longo e paradigma para quem escrever hoje um poema como *Outro Nome*, em que torna seus versos de Camões, ao integrá-los no seu discurso poético; para as duas poetisas Bertolt Brecht, na sua lição duma poesia anti-heróica; para Luíza Neto Jorge, os surrealistas que se recusam a iluminar os arcanos do sonho para denunciar numa raiva de insónia o insólito e o grotesco do quotidiano; para poe t de Faro, Éluard e os poetas portugueses que reflectiram os seus escombros e claridades.

Nos quase sete anos em que cresceu a poesia deste grupo, lançaram os seus poetas os alicerces da sua obra, uns; outros construíram já casas impossíveis de ocultar ou destruir. Afastaram-se os que inicialmente pareciam próximos os dois poetas; cruzaram-se os que estavam distantes (Pais Brandão e Maria Teresa Horta); mantem-se fundamentalmente isolada, embora não o suficiente para negar que pertence ao círculo comum, Luíza Neto Jorge. Manue Gusmão assinala este movimento, que é crescimento, medindo-o com precisão quando escreve: *Por outro lado, nestes últimos livros, acontece que essas estruturas pessoais do estilo se integram numa unidade maior que me parte lhes é comum (a uns de modo mais rigoroso que a outros). Trata-se da existência de um modo,*

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

198



pelo qual a voz, cada vez mais como canto, se referencia a seu tempo e ele, e sua relação com ele, cada vez mais intimamente explícita e legítima ao nível semântico da escrita (...).

Assim entendo os versos finais de *Outro Nome*: Quem poderá tranquilo olhar as águas / do tejo de desgraça semeadas / quem poderá amar este sossego / quem amará o fogo da paz falsa // Correrão águas limpas neste rio / onde chega hoje o sangue em vão perdido / e canção cantaremos a diversa / vida nossa e do tejo.

E vejo quanto estes versos se prolongam em muitos outros o livro de Pais Brandão e *Cronista não é Recado*. Não consegui encontrar *Escassez*, o livro de Gastão Cruz recentemente editado, o que bastante pesará nesta nota, pois a leitura dum livro de Bastão Cruz não poderia deixar de me fornecer material para reflexão sobre a sua obra. Evoluindo em *A Doença* do que chamarei um prolongamento do imaginismo dos poetas da *Arvore*, especialmente de António Ramos Rosa, para a busca das determinantes das contradições de um *aqui e agora*, em que encontrou o apoio de Camões e Melo Neto, e em ue nos propõe um ritmo anguloso e uma opacidade feita duma riqueza que ignora ainda o valor relativo dos elementos de que dispõe e não nos dá apenas o mais valioso (por exemplo, *A Elegia dos Corpos Doentes* e *O Deserto*, em *A Doença*), Gastão Cruz atinge em *Outro Nome* uma tensão rítmica,

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

194

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58

Provas enviadas à Censura em

13 de 3 de 1968

que se dá esse encontrj: na revivi-
cação de mitos históricos para pro-
ceder ao seu aniquilamento; na pri-
meira, as barcas (símbolos de guerra,
expansão e conquista), Sebastião
Rei, Inês de Castro; em Maria Teresa
Horta, os fidalgos de Lisboa, os
*homens / sedentos / das naus que vão
para a Índia, o fidalgo que combateu
na batalha de Alcácer Quibir*. E como
dominantes deste retábulo vemos as
figuras deste nosso tempo, não heróis
nem mitos, mas reais; numa, o ope-
rário, *a mulher / que não canta*;
em Maria Teresa Horta, os instru-
mentos de trabalho, o camponês,
o homem (que) empresta o seu corpo,
uma fidalga de Lisboa. Ficaram nestes
livros dois poemas que nos dão a
chave com que a História se intro-
duziu na poesia de ambas no pri-
meiro desses livros onde é signifi-
cativo que exista um conjunto de
poemas intitulado *A História*, leio
estes versos no poema *As Covas*:
*A História tem os sinais / o rumor
demais / as covas o pátio / o pátio
dos mortos / os reis em coxins /
e muito debaixo / deles as raízes / e
mais abaixo ainda / debaixo das
covas / os pães os países / dos campo-
neses*. E no poema de Maria Teresa
Horta *Memorial para a História* estou-
tros: *Faz-se a História / com os
homens / sem mantos / (...) Faz-se a
História / sem os mantos / com os
homens / (...) / O povo constrói /
a História*.

Podemos ler estes poemas como
respostas às perguntas de Bertolt



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

198

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
13 de 3 de 1968

Brecht, que me foram reveladas em tradução de Paulo Quintela: *Quem construiu a Tebas das Sete Portas?* | *Nos livros estão os nomes de reis.* | *Foram os reis que arrastaram os blocos de pedra?* | (...) *Para onde foram os pedreiros na noite em que ficou pronta* | *A Muralha da China?* | *A grande Roma* | *Está cheia de arcos de triunfo. Quem os levantou?* Embora distante, por uma ascendência literária diferente, e integrado na linha evolutiva do neo-realismo português, Manuel Alegre choca em alguns poemas da *Praça da Canção* com este eixo problemático.

Dos poetas de *Poesia* 61, é Luisa Neto Jorge que mais referencia a sua poesia a um *eu* um *eu* em conflito com o mundo circundante, embora se mantenha distante do confessionalismo a que facilmente a poderia arrastar semelhante atitude. Assim, demora-se em analisar *as propriedades e estados da matéria*, em descobrir a agressividade do mundo animal e o que dos seus atributos lhe permitirá explicar o humano. Fectida sobre si própria, desdobra-se em tempo, atingindo uma simultaneidade de instantes até alcançar a infância, cuja *encantação* transmite. O poema que introduz o ciclo *O Seu a Seu Tempo* (do livro com este título) mostra-nos como através de uma pluralidade de espaço, de tempo, *do mais fundo estado*, o poeta caminha *mais fundo estado*, o poeta caminha para a unidade do presente; e os poemas seguintes traçam a sua trajec-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

137

tória, falando-nos do que *está sendo* e da sua inserção num mundo sobrecarregado de objectos e acidentes que convivem no absurdo. O conflito entre o poeta e a matéria que o circunda não atinge na poesia de Luiza Neto Jorge a organização da cidade — situada para além do seu campo de conhecimento —, nem se pluraliza, pelo que a sua obra não tem dimensão política da dos outros!

O poeta de Faro é o único poeta deste grupo que julgo não ter superado ainda as estruturas características da poesia portuguesa dos anos 50, cujas fontes podemos sumariamente localizar em Éluard, Lorca, Neruda e Eugénio de Andrade. (Os poetas da revista *Arvore* apropriaram-se dessas estruturas, especialmente António Ramos Rosa, José Terra, Raul de Carvalho e Vítor Matos e Sá; foram-lhes sensíveis alguns neo-realistas afirmados nos anos 50, nomeadamente Egito Gonçalves.) Exemplifico com o poema *Liberdade* que inseriu no seu último livro: *Como se de asas se tratasse | invoco o teu nome liberdade. || Acende silenciosamente no teu corpo | o gesto puro de apenas despir-te | e em ti encontrar-me. || Procuro nos teus seios de lava | palavras nuas à beira da mor). | Ancora de sol, | frutos indistintos que prometam | um porto com a forma do corpo.* Neste livro iluminam-se sombras paea melhor mostrar as ruínas que as produzem, invoca-se a paz e afirma-se uma esperança. Poesia sem uma funda origi-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
19 de 3 de 1968.

razão, em dizer que nos seus jornais o branco não me identificará com o ódio.

Depois de morto, servur-se-á de mim como se serviu enquanto vivi; verá em mim o símbolo do ódio, desculpa para não encarar a verdade no meu espelho que reflecte a história dos inúmeros crimes pre-pretados pela sua raça contra a minha».

Malcolm X assassinado em Harlem em 21 de Fevereiro de 1965).

Do ódio dos mussilmanos negros, nasceu a acção directa, os motins, os incêndios, as «jacqueries» de Detroit, de Harlem, de tantas outras cidades Americanas.

Os negros organizados politicamente, adquiriram uma consciência ideológica-Cubanizaram-se — adquirem novos intérpretes: Carmichaels. Aprenderam as técnicas da violência nos arrozais vietemanitas. Defendem-na e empregam-na.

— «Sim. Sou a favor de um conflito racial à escala do mundo, um conflito total no verdadeiro sentido da palavra. Pela destruição de todos os chefes políticos de Raça Branca» — *Le Roi Jones*.

Black Power responde pela violência ao ultraje centenário feito à Raça Branca. Por toda a América ressoam os gritos de incitamento negro à guerrilha urbana.

Os apelos à calma e à não violência como método de promoção das

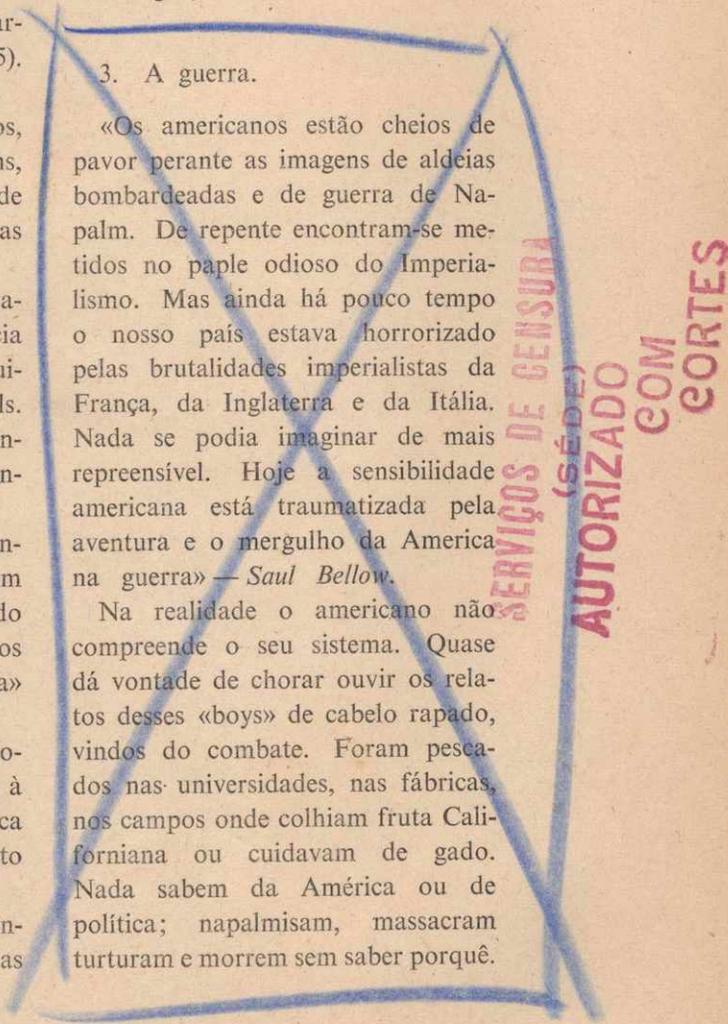
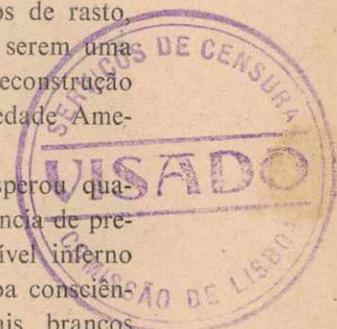
gente de cor, são levados de rasto porque acusados de não serem uma honesta tentativa de reconstrução sócio-económica da sociedade Americana.

O negro americano esperou quatro séculos, está na iminência de precipitar o limite do horrível inferno que lhe foi criado. A boa consciência dos políticos liberais brancos deixou de ser sossegada com a ideia da integração.

3. A guerra.

«Os americanos estão cheios de pavor perante as imagens de aldeias bombardeadas e de guerra de Napalm. De repente encontram-se metidos no pape odioso do Imperialismo. Mas ainda há pouco tempo o nosso país estava horrorizado pelas brutalidades imperialistas da França, da Inglaterra e da Itália. Nada se podia imaginar de mais repreensível. Hoje a sensibilidade americana está traumatizada pela aventura e o mergulho da America na guerra» — *Saul Bellow*.

Na realidade o americano não compreende o seu sistema. Quase dá vontade de chorar ouvir os relatos desses «boys» de cabelo rapado, vindos do combate. Foram pescados nas universidades, nas fábricas, nos campos onde colhiam fruta Californiana ou cuidavam de gado. Nada sabem da América ou de política; napalmisam, massacram turturam e morrem sem saber porquê.



203

«O TEMPO E O MODO» Nº. 57-58
Provas enviadas à Censura em
19 de de 1964

11900/3 DIC/AFP: colina 875 evacuada. Stop. Paraquedistas americanos ocupando o cume a sete k. Cambodja fletem para Dak To depois de terem feito saltar os depósitos de munições e fortificações vietnamitas do norte. Stop. Nenhuma explicação militar americana. Stop. Nenhuma explicação militar americana. Stop. Unico motivo plausível parece ser a incapacidade americana de aguentar indefinidamente a posição. Stop. Outras colinas igualmente evacuadas excepto a 1383, domina directamente Dak To. Stop. R. A. S. em Dak To. Stop.

No combate da colina 875 é um mero exemplo, morreram cento e cinquenta americanos a conquistá-la. Os sobreviventes emudecidos não compreendem nada, a não ser que estão num inferno. Que fazem um inferno.

Saigão em chamas

A pouco e pouco, nos primeiros dias de Fevereiro pequenos grupos de camponeses que nunca tinham estado em Saigão entravam discretamente na cidade, andando com dificuldade, pois habituados que estavam às sandálias Ho Chi Min não sabiam calçar as de tipo japonês usuais em Saigão. Franzinos vinham determinados a libertar a cidade. Nada sabiam das movimentadas ruas que nunca tinham visto. Em poucas

horas transformaram a cidade num brasileiro. Desconhecendo por vezes a fisionomia urbana muitos refugiaram-se nos bairros burgueses, onde eram denunciados, outros partiram para o meio dos seus, os pobres do bairro de Cholon, e aí resistiram casa por casa, até a artilharia americana destruir tudo.

A população americana viu horrorizada as telefotos da sua embaixada invulnerável destruída, a execução sumária de um guerrilheiro pelo próprio chefe da polícia do Vietnam do Sul, os «jeeps» da polícia militar pulverizados. Soube que a bandeira do Vietcong flutuava em Hue cidade Imperial do Vietnam unificado. Soube que a artilharia naval Americana destruiu essa cidade museu; destruição que ficará na história como a do Partenon. Presentiu que a fisionomia da guerra estava alterada e que os bombardeamentos ao Vietnam do Norte eram ineficazes. A guerra passara do campo para a cidade, deixando de haver santuários americanos no Vietnam do Sul.

A população americana ouve todos os dias os ruídos subterrâneos que os sapadores norte-vietnamitas fazem, ao cavar galerias em redor de Khe Sanh. Deixou de acreditar nas declarações optimistas dos generais e do Pentágono. Só sabe que os seus filhos morrem; que já morreram mais do que na Coreia.

Todo o prestígio, toda a estratégia militar, todo o poder da mais



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

204

avançada idade técnica foi posto em causa por esse homem franzino, que a ocupação colonial francesa julgava só capaz para construir pequenos diques para a cultura do arroz; o camponês anamita.

Quem pôde acreditar em Mac Namara ou no Pentágono?

1963 — Declarações de Mac Namara após a primeira visita ao Vietnam do Sul «Não há plano que preveja a introdução de forças combatentes no Vietnam do Sul».

2 de Outubro de 1963 — Declaração da Casa Branca «O secretário de Estado Mac Namara e o general Maxwell Taylor, informaram de que em sua opinião, a maior parte da tarefa militar dos Estados Unidos estará terminada em 1965

17 de Março de 1964 — «A situação pode ser nitidamente melhorada nos próximos meses».

7 de Fevereiro de 1965 — «Principiaram os ataques aéreos sistemáticos ao Vietnam do Norte.

20 de Abril de 1965 — «Conferência de Honolulu. Mac Namara revela um plano que prevê um aumento de 100 a 160.000 homens nas tropas do Vietnam do Sul.

16 de Junho de 1965 — Anúncio de que as forças dos Estados Unidos serão aumentadas para 75.000 homens

28 de Novembro de 1965 — «Acabou-se a hipótese de perdermos a guerra».

20-21 de Janeiro de 1966 — Mac Namara informa o Congresso de

que existem probabilidades da guerra prosseguir até fins de Junho de 1967.

11 de Julho de 1966 — «Um optimismo prudente o que não significa que as hostilidades em breve possam atingir o seu termo».

1967 — 475.000 homens no Vietnam do Sul.

1968 — Mais de 500.000 homens no Vietnam do Sul. Chamada de reservistas às fileiras. Cerca de 140.000 mortos (declarações extraídas do livro de Burchet *Bombas sobre Hanoi*).

Mac Namara partiu, mas ficaram os seus herdeiros. O presidente Johnson parece estar sempre a ser apanhado desprevenido. Os fotografos impiedosos mostram a sua cara constantemente enrugada. Atrás dele estão cidades totalmente arrasadas, centenas de milhares de mortos, mais de um milhão de refugiados, o espectro de Dien-Bien-Phu, os gases, o aparecimento de moderníssimas armas melhores que as americanas criadas pela técnica chinesa.

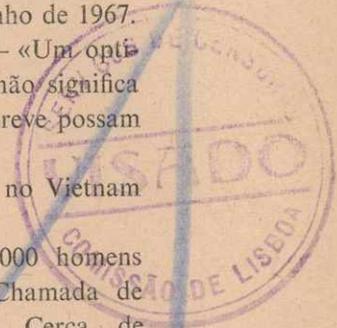
Aos olhos do povo americano a solução militar do conflito parece ser cada vez mais impossível..

Resta a política. Mas qual?

4. Qual política?

Calendário da campanha eleitoral

1. Para a designação dos delegados às convenções nacionais dos partidos (mais importantes).



COMISSÃO DE CENSURA
AUTORIZADO (SEDE) COM CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 57.38
Provas enviadas à Censura em
19 de 3 de 1968

NewHampshire — 12 de Março.
Wisconsin — 2 de Abril.
Pennsylvânia — 23 de Abril.
Massachusetts — 30 de Abril.
District of Columbia, Indiana e
Ohio — 7 de Maio.
Nebraska, West Virginia — 14 de
Maio.
Flórida, Oregon — 28 de Maio.
Califórnia, New Jersey e South
Dakota — 4 de Junho.
Illinóis — 11 de Junho.

2. Convenções nacionais.

Convenção Republicana em Mia-
mi — 5 de Agosto.

Convenção democrática em Chi-
cago — 26 de Agosto.

3. Eleição dos delegados presiden-
ciais — 5 de Novembro.

Sobre um pano de fundo atormen-
tado; ~~atoleiro vietnamita~~, problema
racial, paz urbana, dívida pública,
reservas de ouro, inflação, interro-
gam-se politicamente 70 milhões de
eleitores americanos, que hão-de-ir
às urnas no dia 5 de Novembro,
sobre os seguintes candidatos pre-
visíveis de momento:

Lindon B. Johnson — 60 anos,
36.º presidente dos Estados Unidos
depois do assassinio de Kennedy.

Reeleito em 1964 supõe-se ser o
virtual candidato do partido Demo-
crático. A sua situação de tormento
político assemelha-o no entanto a

Truman que em plena guerra da
Coreia abandonou a partida.

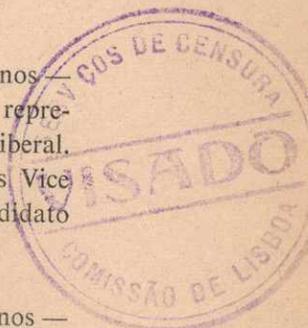
Hubert Humphrey — 57 anos —
Vice-Presidente em funções, repre-
sentante da ala democrática liberal.
É considerado o mais leal dos Vice
Presidentes e presumível candidato
a uma reeleição.

Eugene Mac Carthy — 52 anos —
Senador do Minesota; candidato de-
mocrata liberal contra Johnson. É o
canalisador da oposição Senatorial
à guerra do Vietnam.

George Wallace — 49 anos — An-
tigo governador democrata do Ala-
bama, segregacionista, conseguiu con-
tinuar controlando o cargo que im-
perativos legais obrigavam a aban-
donar fazendo eleger a sua mulher.
Presume-se a possibilidade de uma
candidatura extrapartidária que pre-
judicará sobretudo os republicanos
chamando os votos daqueles que
outrora apoiaram GoldWater.

Robert Kennedy — 42 anos Sena-
dor de Nova York. Tem feito cons-
tantes apelos à reflexão sobre a guerra
do Vietnam, recusando-se sempre a
pronunciar-se a favor ou contra ela.
Desgostando os partidários liberais
mais activistas, vai perdendo pres-
tígio à esquerda não cooperando
abertamente com Eugene MacArthy.

Uma candidatura sua à vice-pre-
sidência tornaria a eleição certa e
ofereceria possibilidades serias de



SERVIÇO DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Provas enviadas à Censura em
19 de 3 de 1968

tiana que deixou a América alternativas políticas (daqui a crescente tendência de reestudo dos temas dos anos trinta: *Bonnie and Clyde*).

Democratas e Republicanos professam os mesmos valores, as mesmas intenções e essencialmente as mesmas políticas.

Ambos aceitam a ideologia da livre empresa e acreditam na suprema felicidade do «American Way of Life».

Contraposta a este estado de crença ao nível de nação estado a falência da antiga esquerda dá a chave da política Americana dos últimos anos. Tom Hayden um dos leaders da New Left explica a fundamental dificuldade que lhe pareceu insuperável: «Como é que é possível actuar revolucionariamente contra um próprio estado que celebra ao nível de comunidade os seus valores enquanto os está a trair na substância?»

Assim quando homem massa angustiado se interroga sobre uma alternativa de escolha eleitoral, pode pensar que um «ticket» Johnson-Kennedy, Presidente e vice-presidente, poderia trazer soluções que

satisfizessem em parte as aspirações do povo Americano; mas ao mesmo tempo tem a sensação estranha de que essas esperanças estão de antemão gastas. Presente que a América terá de encontrar uma fronteira política à dimensão da sua revolução tecnocrónica.

Temos de acreditar no poder da inteligência humana, parece-nos mesmo necessário acreditar que um país com a maior concentração de cientistas de inteligências e de melhores meios ao serviço da inteligência, terá o poder e a capacidade de criar as vias políticas que o separam dos horrorosos mundos paralelos de maldade.

Que o façam de modo a que o povo Americano possa aprender o verdadeiro significado das palavras: Agressão, Imperialismo, Socialismo, democracia e Liberdade.

~~Quando não... as nevroses políticas quer «Goldwaterianas» quer de militares frustrados por uma derrota calculada matematicamente impossível, poderão surgir. E com elas talvez o mundo de Orwell.~~

J. C. C.



208

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 17/58
Provas enviadas à Censura em
de de 196.

lecto com seu séquito de mais ou menos brilhantes originalidades, de maiores ou menores cargas de «sincera comunicação», recusava-se a demagogia discursiva da espontaneidade confessional mas não se ia a um hermetismo surrealista. Vi-giava-se a palavra — objecto duro, incómodo mesmo (na enumeração ou na justaposição conflituosa de nomes). Policiava-se a adjectivação, quebrava-se a frase, continha-se na elipse. Media-se o verso longo sobre a palavra, súbito submetida, isolada, ao branco da página. Invertia-se a ordem da frase (Gastão Cruz. Fiama). Mas tudo isto também não era acção reivindicável pelos futuros cadernos de poesia experimental. Tratava-se de processos já isoladamente conquistados: aqui havia apenas uma aprendizagem tendendo uma organização ainda pouco seguramente nova. A contenção, havia-a em Sophia de Melo Breyner mas com um hieratismo que em 61 não podia acontecer como valor procurado. Havia um Eugénio de Andrade, que evitava a sedução de um discurso ordeira e retòricamente encantatório, que isolava as palavras nas suas enumerações que por vezes um gesto de frase mais longa ligava o poema.

15



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 57/58
Provas enviadas à Censura em
maio de 1968 de 1968

MA — modo de a palavra existir poética e histórica-mente.

Aqui talvez se possa encontrar, nas suas últimas edições, uma forma de contacto ou de comparação mais forte que a que havia entre eles em 61. Observando os títulos destas obras, poder-se-á construir uma figura indicativa do que digo e fazê-lo é legitimado pelo facto de os textos consentirem e se ordenarem de facto a tais títulos. Assim, em «Jardins de Guerra», onde é a «Escassez» e donde partem «Barcas Novas», «postula-se» (e organiza-se esse postulado como parte integrante da estrutura formal) que «Cronista Não É (seja) Recado» e a urgência de dar «O Seu A Seu Tempo». Não se trata de pretender descobrir nem valorizar premeditações ou sequer o facto desta possibilidade (a de assim jogar os títulos), mas sim de definir o espaço em que é possível situá-los uns em relação aos outros e em relação a Lisboa, de agora, como também, por exemplo a uma «Lírica Consumível» (Armando da Silva Carvalho).

A verificação do primeiro movimento dito refere-se à instauração de particulares organizações de linguagem. De-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

17

«O TEMPO E O MODO» N.º 17/58
Provas enviadas à Censura em
2 de de 1967

frontar-nos-emos com um medir e trabalhar estético sobre nosso instrumento linguístico hoje, em Portugal, e ao mesmo tempo um investigar e integrar determinados modos de existência de certo tipo de canto tradicional em qualquer literatura, que é em Portugal herança de trovadores (Fiama, Tereza Horta) e de clássicos (Gastão): paralelismos, dobre e mordobre, «enjambement», oposição quiasmática, nomes núcleos — ponto de referência aos outros nomes do poema. (em Gastão, as relações posicionais na frase entre substantivo e adjetivo, as inversões mais amplas, a valorização do participio presente em «Outro Nome», e do participio passado aí e em «Escassez», são atribuíveis a um repensar do discurso camoneano, ou melhor, clássico, que agora é utilizado como função estilística e não como material linguístico básico, assim como os sentidos que desencadeiam, se orientam, a outras estruturas de significação, dentro de sua integração em modelos formais diferentes e mais amplos).

Encontram-se estas funções de uma escrita transplantadas e complicadas em outras organizações, jogando-se com a brusquidão de certas inver-



SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

«TEMPO E O MODO» N.º 57/58
Provas enviadas à Censura em
2 de ... de 1962

ções, de certos intercalamentos, verdadeiras montagens de frases: ritmos e sentidos, organização de linhas em feixes através de poema, tudo complicado pelo verso sem pontuação (Fiama, Gastão, Tereza Horta), que indetermina a ligação frásica, o que é agravado pela ausência de trumentos de ligação (Gastão) ou pelo seu uso criadoramente violentado (Fiama). A maior sobriedade destes processos últimos é, em Tereza Horta, secura e regidez no corte do verso embora por todo o poema circule um movimento unificador, em Luisa Neto Jorge, igualmente agressividade na formulação curta e elíptica ou, secamente, de definição dicionarária, e em Casimiro de Brito, portas abertas ao gratuito confessional de uma retórica des-sorada à beira do melodramático e da demagogia lírica.

ESCASSEZ situa-se a igual distância de «A Doença (63) e de «Outro Nome» (65). É este um cantar de anos de pobreza) diferente da vida e tão diverso) do poderoso som da esperança) que se movimentava agreste por verbos de um obsessivo presente em que o imperfeito é, agora, fugaz memória ainda de morte ou possibilidade negada pelo cometimento do amor ou seja



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 7/58
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de de 1962



cando e sendo modificado se encontra modo íntimo da existência objectual do poema: a situação exterior é contexto interior do nome — sinal no poema. A visão lírica de um espaço de areias, dunas, cinzas, morte, chamas desoladas, corpos inertes, sofrimento acontece ser organização conglomerada de ACIDENTES CONCRETOS de um corpo ou da geografia mais vasta de uma cidade, ou ainda do movimento entre dois corpos; e ao mesmo tempo: RAZ O movendo-se sobre o «nome lírico» (Fiama) — amargura vigiada no trabalho de invenção rítmica e semântica em que a palavra na dissolução do discurso se pode desdobrar em substantivo, adjectivo ou verbo e ainda amargura de!si conhecida pelo acto de nomear e assim situada na história pelo próprio movimento de linguagem poética — movimento superestrutural de uma forma que é fundo de si mesma.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

BARCAS NOVAS. Em «Sincronia 5» último poema da sua colaboração em — 61 era dito o último terceto: «Atenção à superfície das coisas...» «Entretanto houve com Fiama o teatro que é uma forma muito vinculada a essa atenção. Agora, em «Barcas

TEMPO E O MODO» N.º 57/58
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de 1962

Novas» as coisas e o modo de as dizer no rigor inventado da coisa-poema resultam este movimento árduo e obsessivo entre a descontinuidade e a continuidade das medidas de um espaço obrigando num tempo de ouvir. Aprendido o carácter fundamental de certo tipo de canto apátrida que é o paralelismo o dobre e o mordobre, formas que tão rigorosamente podem disciplinar uma voz e delimitar-se com os gestos do trabalho, Fiama escolheu uma medida e uma secura em que no entanto primordialmente se articula um movimento unificador embora analítico. Duplo movimento aliás: aquele que é operado entre as unidades semânticas devido à ausência de pontuação e à inversão de certas ordens e aquele outro ainda que no poema atrai os múltiplos acidentes dispostos geomêtricamente no espaço ao modelo básico de sinais ordenadores desses acidentes no todo do poema. A poesia portuguesa contemporânea tem aqui alguns dos seus mais audíveis objectos de raiva e ternura. Raiva e ternura tão só existentes mediante a delimitação concreta da coisa: palavra do poema e objecto extrapoético por ela dito, nele. Não seria necessário dizer:



SERVÍCIOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

23

EMPO 2 O MODO» N.º 7/58
Provas enviadas à Censura em
Lisboa de 1968

«A mulheræ que não cantæ
entretantoæ cantá-la-emosæ»
para que se compreendesse a
arte poética de Fiana que os
seus poemas nos entregam não,
aliás, a um nível viciadamente
explícito, mas dentro do modo
de existência duma linguagem
organizada em código pessoal
e situando-se em relação a si
mesma. Aliás este propósito
é apenas mais um momento
concreto em relação ao total
exercício da voz em que a
agressividade se revela no
modo do discurso novo: con-
traposição ou ordenação de
ritmos, inclusão de uma pala-
vra num verso que não aquela
a que se reporta. Sobre o
trabalho, sobre o tempo, em
que contra as barcas se diz o
modo como, da p z e da espe-
rança, sobre os vários mortos
e sobre a história revolucio-
nário modo, a voz se exerce
e se mede, ainda, paixão de
claridade, pondo o nome lí-
rico das coisas com que se
enlaça. Não cabe a compreen-
são desta poesia nos quadros
de uma simples aprendizagem
de Melo Neto; e se quisermos
pensar nas canções de Bertholt
Brecht poderemos compreen-
der por comparação como cer-
tos poemas introduzem a dis-
tanciação internamente a si
mesmos por meio da elabora-
ção reordenadora da frase e
não só em relação a uma



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

24

«O TEMPO E O MODO» N.º 12/58
Provas enviadas à Censura em
25 de Junho de 1968

acção fictícia que lhe é contexto. Assim duplo distanciamento no poema: em relação à situação extra linguística e em relação à conquista do que é dito através do dizer. para que o seu consumo obrigue a modificação no leitor. Assim o poema se torna consciente do seu papel de mediador particular na comunicação, veículo que ordena em si movimentos que prefiguram a mediação.

CRONISTA N O É RE-
CADO. O «poema para a
noite» e o «de insubordinação»
deviam ser os antecedentes
da posterior poesia de Tereza
Horta. Agora os seus poemas
encontraram-se a todo o comprimento com a história, com o trabalho, com a mulher (a de que Fiana resolveu dizer). Aliás tudo modos de de uma voz se ordenar que existiam já em Fiana embora certos quadros formais aparecessem já também na anterior poesia de Teresa Horta. São estes dois livros últimos (o de Fiana e este) os mais aproximáveis mesmos os mais semelhantes daqueles que os colaboradores de Poesia 61 publicaram ultimamente. Parece-me no entanto haver neste cronista uma demasiada simplificação dos uno e seu ins-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

25

Fichas enviadas à Censura em
N.º 2/58
de 1968

trumento, um excessivo desdobrar (em que por vezes há pormenores de real conseguimento) de um programa, um demasiado jogar com um modo, com uma possibilidade expressiva que além de tudo e talvez por esse excesso, aparece por vezes negativamente transparente e simplificada. O desenvolvimento paralelo na construção do poema, quer a oposição ou o suceder de negações ou a enumeração de acidentes é demasiado esquemático, fluente e repetido (o que por vezes também Fiama não evitava). A necessidade do nome, do objecto concreto no poema desaparece, torna-se gratuita a palavra e não consegue encontrar legitimidade estrutural na gratuitidade porque não é ela que se pretende no canto, e simplesmente acontece por falta de coesão na voz. Além disto o reenvio a Fiama leva a verificar que os temas básicos lá existem e com uma maior segurança formal. No entanto inegavelmente por vezes a escolha do nome desenhando o acidente e o enlace dele na exterioridade do poema, assim como a capacidade de caracterização de uma situação reinventada pelo dizer representam momentos em que o fácil parece ultrapassado pelo rigor.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

«O TEMPO E O MODO» N.º 12/58

Provas enviadas à Censura em
A de 2 de 1968

Rigor exemplar de formulação que por vezes se encontra mesmo quando o que é dito se apaga numa indeterminação monotemática. O melhor reside pois nos momentos de exactidão em que o discurso se sustenta no desenho do gesto sobre o objecto ou se organiza num novo dicionário de maneiras como, e se recusa à especulação com temas e modos de êxito fácil. («deixa-se a paz encostada» como se fosse uma espingarda»). Mas é muito presente o medo de que o ameno percurso deste livro se encontre com a real monotonia, e afinal ociosidade de uma voz, o sentar-se da facilidade onde deveria haver uma vigilância estrutural e significante intransigente. Há demasiadas coisas desnecessárias que como disse a não procurada desnecessariedade não pode justificar. Não ultrapassa este livro os seus anteriores, antes pelo contrário.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

O SEU A SEU TEMPO.
Os pesadelos, a inabilidade, a ingenuidade de alguns poemas de uma não reconhecida proximidade equívoca com certo surrealismo foram em 61 a colaboração de Luíza Neto Jorge. Depois houve a «terra Imóvel» em que a voz pouco

Provas enviadas à Censura em
2 de 2 de 1968

vezes dos melhores acertos.

JARDINS DE GUERRA.

O chavão confessional a fraqueza da linguagem sem apoio em si mesma que já se encontravam em 61 a par com alguns dos mais vivos momentos das colaborações de então voltam a surgir aqui. Agora algumas vezes consegue Casimiro de Brito conter-se a si e às palavras retendo e discorrendo algumas conquistas de uma poesia do concreto, de uma lírica sensorial e límpida, mas esses momentos desaparecem no desleixo e na facilidade de um diálogo bem intencionado com o leitor. Encontramos então (ainda que em doses menores que em muita outra pseudo-poesia) o recurso a chavões dessorados, à retórica demagógica de certos bons sentimentos. É a fraternidade afagada teatralmente para se sentir aconchegado às pessoas que fora da poesia poderão aceitar o que primariamente nela anda derramado, é o demasiado insustentavelmente transparente e ostensivo estender do coração nas mãos da insecção vocabular «recheada» de alguns palavrões que desde 1871 a democracia burguesa teve oportunidade de inflacionar.



SERVIÇOS DE CENSURA
(GRÉDE)
CORTADO

Provas enviadas à Censura em
de 1968

Claro que recua o crítico e se encontra na contemporaneidade com o ser este mais um canto em tempo de ocupação mas isso não chega para se oferecer apenas condescendência e lamentar o desleixo que desagrega tantos objectos de aproveitar que andam a esmo na poesia de Casimiro de Brito.

EXTERIORIDADE: OFÍCIO. ESCRITA: TEMPO.
Vivem os melhores poemas destes livros um reencontro fecundo com a voz, estrutura impessoal na qual as categorias dos estilos se integram participando de uma escrita que é função de um tempo. Voz que é presença ainda na necessidade do poema de que a leitura se exercite sonoramente sobre o corpo dele assim desbrindo o sentido, fazendo existir o objecto. Conquisto pois de uma exterioridade audível como estrutura dinâmica do poema.

Exterioridade ainda que é função de ofício, trabalho do nome sobre a coisa e trabalho sobre o nome: dupla consciência do poeta — no artificio e na escolha do objecto e assim movimento dentro de seu tempo, consciência estética da alienação da palavra e a partir de aí, entanto, ofício de nomear.



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTES

31

A RECTAGUARDA

Com o pedido de publicação, recebemos o texto que a seguir se pode ler.

Diz-nos o seu autor «lamentar que O TEMPO E O MODO passe em silêncio questões do mais alto interesse nacional como a que aborda» e acusa-nos de parcialidade e «paixão política sobrepondo-se aos interesses da lusitanidade». Se a revista é de diálogo, como dizem — acrescenta — «sempre quero saber se a minha voz, de português, será calada». Não a calaremos, como vê.



Não podiam de nós passar despercebidos esses admiráveis exemplos de profilaxia verbal que, a propósito da discussão da proposta de lei relativa ao serviço militar, reflectiram o timbre de muitos séculos de história nas bancadas desse areópago da lusitanidade que é sem dúvida hoje a Assembleia Nacional.

Certo que também hoje a Frente e a Retaguarda são compósitos de um mesmo todo, não menos certo é que se a Retaguarda pode subsistir à derrocada da Frente, efémera é a existência de qualquer Frente minada por quebradiça Retaguarda. Ideia de todos os tempos, de todas as latitudes, de todos os lugares. E nem só ClauseCitz, e nem só Helénio Herrera lhe souberam emprestar a grandiosidade das verdades quase axiomáticas.

Sim, Helénio Herrera, caros leitores. O treinador de futebol, o tático do «catenaccio». O homem do «todos à defesa e alguns ao ataque». Pois não é hoje o futebol, algo grotesco que vos pareça a comparação, quem melhor interpreta essa imagem lapidar da ciência guerreira?!

Pois também foi o idóneo presi-

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

«O TEMPO E O MODO» N.º 52-58
Provas enviadas à Censura
21 de 3 de 1968



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

dente da Federação Portuguesa de Futebol, o Administrador incansável, o Deputado ilustre, o Tribuno da palavra escorreita — o senhor Francisco do Casal-Ribeiro — que em S. Bento ergueu a sua voz avisada para acautelar os desprevenidos dos perigos que espreitam a Retaguarda. Foi um aviso, «um aviso de homem simples, mas consciente, de um homem que construiu toda a sua vida à margem da política, embora hoje não enjeite a qualidade de um dos responsáveis por ela, modesto mas honrado responsável», que pugnarà, pugnarà «por todas as formas e doa a quem doer... contra a apatia que parece existir e paralisar muitos daqueles que ocupam lugares importantíssimos».

Mas não só a palavra directa, crua na sua substância, utilizou o senhor do Casal-Ribeiro. Também a imagem /simultaneamente comovedora e pertinaz, quando se referiu a seu filho alferes piloto-aviador: «fica-me a angústia — não sei se a maior por vê-lo partir — de ficarem à sua espera dois filhos com escassos meses de idade. Enquanto o pai se baterá contra terroristas, eles ficam à mercê, na retaguarda, de outra espécie de inimigos: os traidores, os inconscientes, os falsos catões». Nós diríamos mesmo mais, parafraseando um ilustríssimo Mestre de Direito Corporativo, os falsos catões «eivados de preconceitos imorais perfeitamente». E por tudo isso

267



«O TEMPO E O MODO» N.º 57-58
Provas enviadas à Censura em
21 de de 1968

apela o Deputado do Casal-Ribeiro para que o Governo, mais do que até aqui, «seja inexorável no ataque contra aqueles que nem «merecem os nossos mortos», nem parece «confiarem nos vivos». Não fora o inusitado da alegoria, diríamos que se propõe a edificação de um «cateraccio de guerra» nas palavras do ilustre deputado, que também agora preside aos destinos/do futebol português.

Mas não só Francisco Casal-Ribeiro se encostou à barra para advertir, em agudíssimos termos, /dos perigos que em cada esquina espreitam a Retaguarda. Também outros Tribunos Ilustres nos concederam o dom da sua Palavra. O Almirante Henrique Tenreiro — essa personalidade cativante, esse timoneiro da ré, símbolo vivo de quantos há séculos monopolizaram os caminhos do oceano, esse «Pescador dos Pescadores» nas palavras de um seu anónimo admirador, o mais lídimo representante de quantos labutam nas costas de Portugal — e também um seu confrade, o Almirante Jerónimo Jorge, hastearam bem alto a bandeira do Exemplo no mastro da Retaguarda. E quem melhor que os homens do mar o poderia fazer?! «Oh mar salgado, quanto do teu sal...»! Os versos de Pessoa ressoaram nas galerias da Assembleia, presentes em espírito, senão em corpo.

Pois não será verdade que «a falta de firmeza de opiniões, a versatili-



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

268

dade, a facilidade com que se abandonam os aliados e se ajudam os adversários, constituem motivos de sobra para que, prudentemente, só com os nossos recursos se deva contar»? «Orgulhosamente sós», disse-o o de todos o mais ilustre. E o Almirante Jerónimo Jorge reafirmou-o agora, oportunamente. Mais, porém, disse-o ainda o Deputado Prof. Santos Bessa, numa linguagem rica de símbolos emprestados pela fábula, mas nem por isso menos pertinente na alusão: «estamos a afirmar uma coesão e uma unidade que destroem as cabalas e mentiras, ardilosa e grosseiramente urdidas contra nós, nas alfurjas da política internacional; as que se geram no negrume de certas assembleias internacionais ou as que nascem nos antros e covis onde se maquinam os planos macabros... com o mais insolente desprezo por alianças secularmente estabelecidas». É num frémito de horror que por nós perpassam imagens mefistofélicas e nos recordamos de Cambrone, para dizer alguma coisa, e de Maquiavel, para nada dizer. Mais vale sós do que mal acompanhados — grande poeta é o povo. Puros, purinhos nos ideais, rodeados embora por essa execrável ralé internacional a quem, se não ensinamos o progresso técnico, damos retumbante exemplo de constância moral.

E se muitos jovens «por deficiências de qualquer natureza» se sentem frustrados no seu desejo de



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

engrossar as fileiras do Exército, sossega-os a palavra amiga do Almirante Jerónimo Jorge ao afirmar que «não se nega a distinção e a honra de defenderem a Pátria, pois poderão cumprir o seu dever noutras funções e postos». E logo acrescenta o deputado Braancamp Sobral, em perfeita harmonia e coerência, ser «necessário que a juventude seja educada no culto da Pátria e preparada para compreender que o serviço militar», numa imagem original e feliz, «não é uma doença que tem de sofrer-se aos 21 anos, como a papeira e o sarampo na tenra idade». Aos «catões», melhor: aos «falsos catões», a esses sim que se lhes limpe o sarampo, que bem precisam!

Foi também no decorrer desse debate que apaixonou a opinião pública, e de que foi dada ampla divulgação na imprensa diária, que a Assembleia foi abruptamente colhida pela morte da senhora Duquesa de Bragança, o que originou da parte do Prof. Mário de Figueiredo, ilustre Presidente daquele areópago, palavras que pelo que representam de elevado significado histórico e sentido das realidades, nos não escusamos de transcrever:

— «Devo exarar no «Diário das Sessões» um voto de profundo pesar pela morte da senhora duquesa de Bragança e exprimir a sua alteza real, o senhor Dom Duarte Nuno, e a seus filhos, o sentimento que me invade a alma, que nos invade a



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

alma, ao contacto do seu sofrimento. É o sangue de D. Afonso Henriques, o Fundador da Nacionalidade, de D. Nuno Álvares Pereira, de D. João IV, que lhes corre nas veias; é o sangue vivo dos momentos cruciais da nossa história — o sangue com que a nossa história se escreveu — é esse que, homenageando-os, homenageamos. O luto aqui, diante dos representantes, é afinal uma expressão da glória dos grandes construtores da Pátria.»

Profundamente emocionados por mais esta página que agora se escreve numa História que cada vez mais acentua o respeito que os «nossos maiores» nos merecem.

Em consciência o dizemos: não há por certo projecto-lei algum que alguma vez possa resistir, nos seus insignificantes pormenores, ao tão desvelado patriotismo a que o Verbo electrizante e a Oratória incomparável emprestam insuspeitada grandiosidade.

Dessa cátedra do Patriotismo que é cada um dos assentos desse parlamento notável de tribunos lusitanos do século XX, a chama sempre acesa, o calor dos grandes momentos asseguram-nos que a Retaguarda se aguenta.

Ditosa pátria que tais tribunos tem!

JOSÉ CASTELA

Terminei — JOÃO



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
CORTADO

27

«O Conflito Israelo-Árabe», Bolívia-Um Segundo Vietnam?», «A Revolta dos Negros Americanos», Cadernos D. Quixote, Publicações Dom Quixote.

Os três volumes publicados não bastam para criar um François Maspéro e a sua Petite Collection.

Também Dom Quixote não iria à Bolívia, é certo, inquirir o que com Régis se passava. Não, que Régis veio depois e exactamente. Quando era notícia e dele se olhava o caso sensação de menino aventureiro. O livro está à venda. E é muito bem feito. Título: «Bolívia — ou Segundo Vietnam?»

Alguna informação e muita deformação em «O Conflito Israel-Árabe». Já que «A Revolta dos negros americanos», imaginámo-lo, deve ser o complemento teórico da leitura da «Vida Mundial». Ao sábado.

J. G.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

60